

# **SOBRE AS INFLUÊNCIAS NORTE-AMERICANAS NO PENSAMENTO ECONÔMICO DE ROBERTO SIMONSEN: INSTITUCIONALISMO, CONTROLE SOCIAL E PLANEJAMENTO**

**Marco Cavalieri (UFPR) e Marcelo Curado (UFPR)**

(SESSÕES DE COMUNICAÇÕES – ÁREA 1.2. HISTÓRIA DO PENSAMENTO ECONÔMICO)

**RESUMO:** O artigo trata de estudar as influências norte-americanas sobre o pensamento econômico de Roberto Simonsen. É notável em alguns de seus textos a influência dos pensadores econômicos norte-americanos ligados ao institucionalismo, especialmente aqueles que tratavam de assuntos relacionados à intervenção do Estado e ao planejamento. Dada a recente literatura em história do pensamento econômico norte-americano, que realoca o institucionalismo como escola fundamental no debate econômico daquele país, a imagem de Simonsen como um intelectual menos informado a respeito da economia acadêmica – presente na historiografia nacional - deve ser qualificada.

**ABSTRACT:** This paper investigates the American influences on Roberto Simonsen's economic thought. It is notable in some of Simonsen's writings the influence of the American economic thinkers linked to the Institutional movement, especially those who dealt with planning and State intervention issues. In the light of the recent literature on the history of the American economic thought, which relocated institutionalism as a crucial element in the early twentieth century economic debate, we tried to revise the image of Simonsen as an intellectual with little information about his contemporary modern economic thought.

De modo algum é sem razão que Ricardo Bielschowsky (1988) considera Roberto Simonsen o patrono dos desenvolvimentistas brasileiros. O trabalho do empresário e sua militância em prol de um projeto de industrialização, da proteção à indústria nacional e na defesa da participação do Estado em um plano de crescimento econômico e de diversificação da base produtiva, sem dúvida, credenciam Simonsen para este papel.

Porém, ao mesmo tempo em que reserva um lugar na história do pensamento econômico brasileiro para Simonsen, Bielschowsky remete o industrial paulista a um lugar menor como intelectual versado em teoria econômica. Diz ele que Simonsen trabalhou sobre um “vazio teórico” (Bielschowsky, 1988:87). Essa visão sobre Simonsen, como alguém que não conhecia profundamente o debate acadêmico em economia fica aparentemente reforçada na historiografia das idéias econômicas nacionais se, com base na famosa “controvérsia do planejamento”, contrastamos Simonsen com seu interlocutor Eugênio Gudín. Ao contrário de Gudín, Simonsen não era um acadêmico em tempo integral, um estudioso quase que exclusivamente dedicado a um campo científico determinado, o da economia. Carlos Von Doellinger (2010, [1977]), que escreveu a introdução do primeiro volume que reuniu os documentos da “controvérsia do planejamento”, já tratava Simonsen como alguém que conhecia pouco o debate mais especificamente acadêmico na seara econômica. Para Doellinger (2010, p. 31), Gudín era o “economista e *scholar* brilhante”, e, Simonsen, por sua vez, ficava com o papel de “erudito, humanista e historiador”. Ainda dentro das caracterizações de Simonsen como pensador da economia brasileira, temos a interessante tese do historiador Fábio Maza (2002). Ele é menos decidido ao determinar grau de conhecimento de Simonsen a respeito das teorias econômicas mais modernas de seu tempo, o que, aliás, nem era seu objetivo. Porém, de qualquer modo, o Simonsen que resulta de seu trabalho é um homem eminentemente prático, longe de ser um acadêmico.

Essa é uma brevíssima exposição do cenário da historiografia nacional sobre Simonsen, especificamente em relação ao seu papel como conhecedor das idéias econômicas que em seu tempo eram as mais modernas. De certo modo, os três autores têm razão. Simonsen não pode ser colocado à altura de Gudín como acadêmico e, com certeza, era um homem com fortes inclinações práticas, até mesmo por ser na maior parte do tempo um empresário, e não um *scholar*.

Entretanto, através da leitura de trabalhos de cunho econômico de Simonsen, da própria “controvérsia do planejamento” e à luz de alguns desenvolvimentos recentes na história do

pensamento econômico norte-americano, pensamos que o alegado desconhecimento de Simonsen sobre os debates acadêmicos em economia deve ser qualificado. Recentemente, Curi e Cunha (2011), bem com Curi e Saes (2012) são dois trabalhos que procuram resgatar as influências sobre o pensamento econômico de Simonsen, mostrando que se olharmos para fora do Brasil, o empresário estava conectado com idéias bastante em voga na discussão econômica das décadas de 1930 e 1940. Sendo assim, nosso trabalho tem o mesmo objetivo, procurando localizar as influências especificamente norte-americanas sobre o pensamento de Roberto Simonsen, discutindo o lugar dessas teorias e de seus autores na academia dos Estados Unidos. Um estudo desse tipo, que coteja entre as ideias trazidas por Simonsen ao Brasil e o prestígio das mesmas na academia norte-americana, em nossa opinião, é capaz de realocar a figura de Simonsen para um lugar muito mais próximo do centro do debate acadêmico em economia das décadas de 1920 e 1930.

Na “controvérsia do planejamento”, fica bastante clara a importância dos EUA como exemplo de nação enriquecida e progressista. O relatório apresentado inicialmente por Roberto Simonsen ao Conselho Nacional de Política Industrial e Comercial (CNPIC), em 1944, é largamente baseado nos estudos da Missão Cooke, formada por técnicos norte-americanos para estudar a situação econômica brasileira em 1942. Assim, é usando a impressão causada pelas diferenças econômicas entre EUA e Brasil, que Simonsen (2010 [1944]: 44-5) sustenta o apelo à planificação econômica citando os EUA. A importância dos EUA é também notável na argumentação de seu adversário, Eugênio Gudín.

Nessa linha, é Gudín que nota o paralelismo de sua discussão com Simonsen em relação ao debate que ocorria nos EUA. Diz ele: “Deixando de lado grandes economistas americanos como Taussig, Bernstein, Viner e tantos outros, o presidente [do CNPIC, Simonsen] apelou para um grupo de ‘inovadores’ que passaram a constituir o chamado *brain trust* [de Roosevelt], George Soule, Stuart Chase e Tugwell.” (Gudín, 2010 [1945]: 69). Nomes esses, que podem ser alinhados à escola institucionalista norte-americana, a qual, àquele tempo, nos EUA, defendia planejamento e a maior intervenção do Estado no âmbito da economia – os outros três, os primeiros, eram reconhecidos liberais.

Ademais, Simonsen (2010, [1945]: 135) recorre ao livro do professor Carl Landauer, da Universidade da Califórnia em Berkeley, “*Theory of National Planning*”. Este texto constituiu, para a época em que foi lançado (1944), uma excelente síntese do pensamento sobre a necessidade do planejamento e sobre suas técnicas. O planejamento discutido no livro de Landauer era o “planejamento indicativo”, que buscava coordenar o setor privado em um plano abrangente que levasse em conta as necessidades nacionais como determinadas por estudos levados a cabo por técnicos especializados. Autores importantes das primeiras décadas do século passado, como Mordecai Ezekiel e Gardiner Means têm suas ideias coligidas no livro do professor de Berkeley (Landauer, 1944; Rutherford, 2011). Outro autor citado por Simonsen (2010: 162) no tocante ao planejamento é Lewis Lorwin, com sua obra “*Time for Planning*”. Lorwin esteve envolvido com o grupo institucionalista da *Brookings Institution* nos anos 1920, naqueles anos comandada pelo expoente do institucionalismo Walton Hamilton. Além disso, o professor Lorwin fez parte da *National Resources Planning Board*, na qual trabalharam outros nomes importantes da altura de John Maurice Clark, e foi co-fundador da *National Planning Association* (Rutherford, 2011: 174; Hodgson, 2004: 258). Roberto Simonsen também demonstra conhecer a natureza das ideias que embasaram experiências norte-americanas de planejamento como a *Tennessee Valley Authority*. Nesse empreendimento de planejamento dos anos 1930, estiveram envolvidos Martin Glaeser e Edward Morehouse, ex-alunos da pós-graduação da Universidade de Wisconsin, esfera de influência de John Commons (Rutherford, 2011: 195 e ss.). Isso além do *New Deal*, capitaneado por Rexford Tugwell, e outros programas norte-americanos de planejamento.

Contudo, mesmo muito antes da referida “controvérsia”, encontramos evidências de que o industrial paulista estudou obras importantes lançadas por economistas norte-americanos alinhados ao institucionalismo. Por exemplo, em um texto intitulado “Níveis de Vida e a Economia Nacional”, Simonsen utiliza-se do famoso estudo publicado pela *Brookings Institution*, “*America’s Capacity to Consume*” (Simonsen, 1943, [1940a]). Um dos seus autores é Harold Moulton, personagem-chave da rede institucionalista norte-americana do Entreguerras (Rutherford, 2011: 347). Esse livro é parte

de um conjunto de três obras que buscavam determinar as capacidades da economia dos EUA, esses estudos ficaram relativamente famosos na época de seus lançamentos. Já em outro trabalho, “Recursos Econômicos e Movimentos das Populações”, Simonsen (1943 [1940b]) refere-se a “*Migration and Economic Opportunity*” e a “*Migration and Planes of Living*”. Os dois textos têm como principal autor Carter Goodrich, além de outros como Bushrod Allin, nomes que faziam parte do movimento institucionalista norte-americano (Rutherford, 2011: 347; Gambs, 1963). Por fim, conseguimos levantar uma lista de outras obras relacionadas ao institucionalismo norte-americano pertencentes à Coleção Roberto Simonsen do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp. Essa coleção foi doada pela FIESP e contém obras que foram da biblioteca particular do empresário. Outros livros de Harold Moulton, Carter Goodrich fazem parte do acervo, além de obras de Mordecai Ezekiel, Edwin Nourse e John Commons. Cabe notar, por fim, que as os textos anteriormente citados de Goodrich, Moulton, Lorwin e Landauer, da mesma forma, fazem parte do acervo.

Nessa influência dos norte-americanos sobre o pensamento de Simonsen, dois pontos são importantes para determinar o contato entre o pensador brasileiro e os autores dos EUA. Primeiro, Roberto Simonsen foi o principal personagem na fundação da Escola Livre de Sociologia de São Paulo em 1932. Essa escola foi, propositadamente, formada com grande influência de intelectuais norte-americanos, especialmente sociólogos. Isso visava opor a escola à formação francesa que dominara a constituição da Universidade de São Paulo (Schwartzman, 2013). A sociologia norte-americana de Chicago, trazida para a instituição fundada por Simonsen, tinha grandes relações com a economia institucionalista no começo do século XX. Simonsen frequentou e ministrou cursos na escola (Maza, 2002: 45). Em segundo lugar, Simonsen travou contato com o pensamento institucionalista através de Corwin Edwards, economista da equipe da Missão Cooke, e que era participante ativo do grupo institucionalista norte-americano. Simonsen era, no tempo da Missão Cooke, conselheiro da Coordenação de Mobilização Econômica.

O conhecimento de Simonsen sobre os estudos dos institucionalistas norte-americanos deve ganhar importância, para realocar Simonsen mais próximo ao centro do debate àquela época atualizado em economia, caso levemos em conta a atual historiografia do pensamento econômico norte-americano. Pelo menos desde 1998, quando foi publicado um volume da prestigiada revista *History of Political Economy* intitulado “*From Interwar Pluralism to Postwar Neoclassicism*”, tem sido revisada a idéia de que a economia neoclássica dominou desde muito cedo – início do século XX – o cenário acadêmico nos EUA. Mary Morgan e Malcolm Rutherford (1998) lêem o período do Entreguerras como pautado pelo pluralismo. Um pluralismo em que neoclássicos e institucionalistas batalhavam, de igual para igual, pela predominância como *mainstream* da economia acadêmica. Geoffrey Hodgson (2006), por sua vez, vai mais longe, afirmando que o institucionalismo era a abordagem dominante nas décadas de 1920 e 1930. O certo é que economistas institucionalistas ocuparam postos de prestígio nas universidades, em grandes e influentes programas de pós-graduação – Columbia, Wisconsin, Brookings e outros -, além de serem participantes ativos dos governos e de instituições de pesquisa. O famoso historiador da economia Bob Coats (1992), afirma que os dois economistas mais famosos e influentes do Entreguerras eram Wesley Mitchell e John Maurice Clark, institucionalistas. Assim, se considerarmos que Simonsen estava lendo literatura institucionalista, não há que se falar em sua desatualização em termos de teoria econômica, pois o patrono dos desenvolvimentistas estaria acompanhando o debate de uma escola que era moderna e muito influente em sua época. O enciclopédico livro de Rutherford (2011), “*The Institutional Movement in American Economics*”, é o estudo definitivo que coloca o institucionalismo como *player* fundamental no debate econômico dos EUA.

Em paralelo, interessa considerar a situação das ciências sociais nos EUA, em especial a da sociologia e sua relação com a economia. Dorothy Ross (1991), em um estudo bastante conhecido sobre as origens da ciência social norte-americana cita a economia institucionalista como, em grande parte, derivada da sociologia do “controle social”. Essa sociologia esteve muito em voga desde o início do século passado, principalmente nas universidades de Chicago e Columbia. Edward Ross, citado por Simonsen (1933) em seu “Rumo à Verdade”, foi o precursor da recomendação de

que a ciência social deveria se debruçar sobre o problema do “controle social”. Outros intelectuais citados por Simonsen, tais como Albion Small e Franklin Giddings, também fizeram parte da mesma tendência. Malcolm Rutherford (2011) e Dorothy Ross (1991) assinalam que o institucionalismo norte-americano foi, na verdade, o reflexo na área de economia da corrente que advogava o “controle social”, ou seja, uma maior intervenção do Estado e de outras instituições coletivas na sociedade. O planejamento, o estudo de suas técnicas e sua aplicabilidade formaram uma importante área dessa ciência social que defendia o controle social.

Em síntese, o trabalho aponta para o fato de que Simonsen estava a par de uma literatura econômica moderna para sua época, a qual, nos EUA, localizava-se no centro do debate e da influência em termos de conhecimento econômico. Várias ideias caras ao brasileiro estavam calcadas na sociologia do controle social e no institucionalismo econômico. Entre elas, o planejamento como instrumento de preservação da democracia capitalista, em oposição às alternativas socialistas, a necessidade de estudos empíricos aprofundados para se montar qualquer planejamento e a própria defesa de uma maior intervenção do Estado na vida econômica.

## BIBLIOGRAFIA

- Bielschowsky, R. *Pensamento Econômico Brasileiro: o ciclo ideológico do desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro : Ipea/Inpes. Série PNPE, nº19, 1988
- Coats, A. W. Economics in the United States, 1920-70. In: Coats, A. W. *On the History of Economic Thought: British and American Economic Essays*. Vol. 1. London: Routledge, 1992
- Curi, L. F. B. Cunha, A. M. Redimensionando a Contribuição de Roberto Simonsen à Controvérsia do Planejamento (1944-5): pioneirismo e sintonia. *39º Encontro Nacional de Economia*, 2011
- Curi, L. F. B. Saes, A. Roberto Simonsen e Wladimir Woytinsky no Período Entreguerras. *Anais do 39º Encontro Nacional de Economia – ANPEC*, 2012
- Doellinger, C. Von. Introdução. [1977]. In: Simonsen, R. C. Gudin, E. *A Controvérsia do Planejamento na Economia Brasileira..* 3ª Edição. Brasília: IPEA, 2010
- Gambs, J. Reports of Interviews with Dissent Economists. *Gambs Papers, Hamilton College Archives*. 1963.
- Gudin, E. Rumos da Política Econômica. [1945] In: Simonsen, R. C. Gudin, E. *A Controvérsia do Planejamento na Economia Brasileira*. 3ª edição. Local: IPEA, 2010.
- Hodgson, G. *The Evolution of Institutional Economics: agency, structure and Darwinism in American institutionalism*. London: Routledge, 2004
- Landauer, C. *Theory of National Economic Planning*. Berkeley, Los Angeles, London: University of California Press, Cambridge University Press, 1947
- Maza, F. *O Idealismo Prático de Roberto Simonsen: ciência, tecnologia e indústria na criação da nação*. Tese Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2002
- Ross, D. *The Origins of American Social Science*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- Rutherford, M. *The Institutional Movement in American Economics, 1918-1947*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011
- Schwartzman, S. *A Força do Novo: por uma sociologia dos conhecimentos modernos no Brasil*. [http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs\\_00\\_05/rbcs05\\_03.htm](http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_05/rbcs05_03.htm) acesso em: 23/02/2013.
- Simonsen, R. C. *Rumo à Verdade*. São Paulo: limitada, 1933.
- Simonsen, R. C. Recursos Econômicos e Movimentos das Populações. [1940a] In: Simonsen, R. C. *Ensaio Sociais, Políticos e Econômicos*. São Paulo: FIESP, 1943.
- Simonsen, R. C. Níveis de Vida e a Economia Nacional. [1940b]. In: Simonsen, R. C. *Ensaio Sociais, Políticos e Econômicos*. São Paulo: FIESP, 1943.
- Simonsen, R. C. A Planificação da Economia Brasileira. [1944] In: Simonsen, R. C. Gudin, E. *A Controvérsia do Planejamento na Economia Brasileira*. 3ª edição. Local: IPEA, 2010.
- Simonsen, R. C. O Planejamento da Economia Brasileira. [1945] In: Simonsen, R. C. Gudin, E. *A Controvérsia do Planejamento na Economia Brasileira*. 3ª edição. Local: IPEA, 2010.